

---

## **Gênero e esporte na TV aberta: a recepção dos telespectadores brasileiros no programa Jogo Aberto da Band<sup>1</sup>**

Gabriela Ribeiro Amarin<sup>2</sup>  
José Carlos Marques<sup>3</sup>  
Universidade Estadual Paulista, UNESP

### **RESUMO**

Este presente trabalho tem como objetivo analisar a recepção dos discursos midiáticos digitais no Youtube por torcedores/telespectadores brasileiros, referentes a episódios do programa Jogo Aberto, exibido de segunda a sexta-feira pela Band na TV aberta. Para o desenvolvimento deste artigo, selecionamos a edição do dia 30 de julho de 2019, dia em que se comemorava o “Dia do Amigo”. O referencial teórico-metodológico baseou-se, sobretudo, nos estudos de Martín Barbero e Orozco Gomes (2013) sobre as mediações culturais e os processos de recepção. Para maior amplitude na análise, serão utilizadas as teorias de percepção de sentidos e estética da recepção, de Maria Tereza Cruz (1986), que podem ser vinculadas às mediações culturais, contribuindo para o entendimento de pontos chave do objeto estudado.

**Palavras-chave:** futebol; gênero; mediações culturais; recepção

### **FUTEBOL E GÊNERO NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O futebol no Brasil torna-se objeto de muitas pesquisas em comunicação a partir de perspectivas que dialogam culturalmente com temáticas que são discutidas, assim como as que envolvem o gênero enquanto tópicos norteadores.

Dentro das questões socioculturais da origem do futebol no Brasil, não se estabelecem somente os papéis de gênero, mas também os econômicos, em um sentido atribuído de exclusão de classes sociais mais baixas na prática do esporte; assim como o foco na percepção do gênero, objeto desta pesquisa para as mediações.

[...] enquanto (o futebol) era um 'jogo fino', a partida de futebol era chamada de meeting, um lazer portanto, que trazia consigo a ideia de reunião, de conagração (...), sendo, na verdade, um esporte de exclusão dos extratos mais carentes da população. Quando, finalmente o futebol passa a ser praticado (...) pelo grande público, a partida (...) passa a ser chamada de racha (que traz consigo um sentido de divisão), sugerindo um lazer violento e desordeiro que, aliás, não se harmonizava com o tão almejado cotidiano 'civilizado' (HERSCHMANN e LERNER, 1993: p.48).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Estudante do Mestrado em Comunicação pela UNESP – Universidade Estadual Paulista; e-mail: g.amorin@unesp.br

<sup>3</sup> Livre-docente em Comunicação e Esporte pela Unesp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP – Universidade Estadual Paulista; e-mail: jose.marques@unesp.br

A partir de 1910, inicia-se um processo de popularização do futebol. O surgimento de clubes foi acelerado, devido à necessidade de ser mais organizado no país. A partir disso, surgem os campeonatos regionais, e desperta um interesse maior na população com faixa etária mais jovem-adulta, a partir dos 20 anos. O futebol passou a ser parte da identidade brasileira. Alguns anos depois, na década de XX, além da popularização, o futebol passa por um processo de profissionalização.

No que diz respeito ao gênero, segundo Goellner (2005), no início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino através dos exercícios físicos era visto como uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade cumprindo, assim, com a máxima de que “as mães fortes são as que fazem os povos fortes” *apud* Thardiére (1940, p.60). No entanto, não eram quaisquer atividades aquelas que lhes eram recomendadas e o futebol, designado como muito violento para a conformação corporal feminina, caracterizava-se como uma delas.

No contexto brasileiro, há uma virilidade virtuosa do esporte, frequentemente ressaltada pela expressão “futebol é coisa de macho” ou “coisa de homem”. O tema da representação da relação entre gênero e futebol estabelece diversos pontos de análise. Mesmo com as mais recentes tentativas oficiais de incentivo ao futebol feminino no Brasil, que ficou evidente como machismo característico, é o caso do Campeonato Paulista Feminino de 2001. Na época, a reportagem da Folha de S. Paulo revelou que um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso a “ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino”, com calções mais curtos, maquiagem, cabelos longos e presos.

## **ELAS EM CAMPO: MACHISMO E PARTICIPAÇÃO FEMININA NO FUTEBOL BRASILEIRO**

O universo futebolístico brasileiro possui raízes majoritariamente masculinas, e elas não se atribuem somente ao espaço esportivo, mas também sociocultural, em que os valores nele embutidos e derivados estabelecem limites que, embora estejam tão claros, estão ali presentes de uma forma mais ‘velada’ e devem ser observados perante perspectivas que tragam entendimentos acerca de discussões que muitas vezes estão em

---

segundo plano, como as questões de gênero. Não apenas a prática e o consumo, mas ações como comentar sobre o futebol estiveram presentes exclusivamente na vida dos homens, e que embora hoje mulheres façam parte, existem comentários dentro do meio televisivo que possuem naturezas sexistas.

A reportagem jornalística: “O futebol odeia as mulheres: notas sobre o machismo e a pesquisa de campo”<sup>4</sup> traz algumas reflexões sobre como é essa relação entre jogadores, fama e a cultura de estupro, uma das agravantes em temáticas que vão além da objetificação do corpo feminino, um dos recortes deste trabalho.

Em janeiro de 2013, enquanto ainda jogava no Milan, Robinho cometeu estupro em uma balada italiana enquanto “curtia” uma noite de balada. Anos após o ocorrido, em 2021, quando já jogava no Santos Futebol Clube, o ex-jogador foi acusado e condenado em primeira instância por estupro em terras italianas, devido ao crime que cometeu em 2013.

Mas uma das indagações que surgem durante o desenvolvimento dessa história é o real motivo do rompimento da equipe santista com o ex-jogador. A reportagem narra diretamente e de maneira clara que tal rompimento aconteceu pelo simples temor da instituição em perder verbas de patrocínio. Diversas empresas ameaçaram retirar o apoio financeiro após a publicação da reportagem do GE, antigo Globo Esporte, que trazia consigo revelações repugnantes sobre a violência sexual a que uma mulher foi submetida pelo jogador e outros homens.

Desde o anúncio da contratação do atleta, o acontecimento vinha sendo questionada por parte da imprensa, por torcedores e torcedoras e pelo movimento feminista. A resposta do Santos a essa pressão foi arrogante: além de ignorar a pressão, emitiu uma nota em que vinculava o sentimento de revolta aos “cancelamentos” promovidos pelo “tribunal da internet”. O clube só mudou de posicionamento com a divulgação de detalhes abjetos do caso pela matéria do GE.

Esse episódio lamentável que ocupou manchetes e *timelines* inclusive internacionais em 2021 pode ser interpretado sob diversos aspectos, incluindo como uma mancha irrevogável na história santista na luta contra o machismo, a falta de respeito pelas mulheres e as torcedoras santistas, assim como o resultado mais do que louvável do

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-futebol-odeia-as-mulheres-notas-sobre-o-machismo-e-a-pesquisa-de-campo/>

---

bom trabalho da imprensa esportiva. Mas o ponto principal deste acontecimento é o óbvio ainda inserido neste contexto: a misoginia. O futebol odeia as mulheres. E não há exagero algum em afirmar isso.

O esporte não é algo à parte da sociedade, pelo contrário, ele está inserido nela. O futebol, como expressão social, reflete valores, movimentos e fluxos culturais, morais e socioeconômicos dos grupos onde é praticado, assistido e celebrado.

E, assim sendo, se a sociedade é misógina e patriarcal, o futebol obviamente assim será. Se vivemos em uma conjuntura machista que reforça o que se chama de cultura do estupro, jogadores, torcedores e demais atores desse cenário estão imbuídos dessa lógica. Para quem duvida da validade do termo cultura do estupro, basta acessar [a última edição Anuário Brasileiro de Segurança Pública](#), divulgado há poucos anos atrás: 66.123 mulheres foram estupradas no Brasil em 2019, o que significa um estupro a cada 8 minutos. Lembrando que, por se tratar de um crime subnotificado (muitas mulheres têm medo e vergonha de denunciar), esse número deve ser muito maior.

Denúncias envolvendo jogadores mundialmente famosos e técnicos de grandes times em crimes sexuais; atletas acusados de violência doméstica por suas companheiras; torcedoras assediadas em estádios; jogadoras da modalidade feminina vítimas de chacota e de descrédito; jornalistas e comentaristas linchadas nas redes sociais; apresentadoras desautorizadas por colegas em rede nacional, etc. Os exemplos são muitos para mostrar que as mulheres não são bem-vindas no mundo do futebol.

Enquanto não existir o enfrentamento com uma maior aderência, a cultura machista no futebol se encarrega de multiplicar o medo e, através destes pactos de silenciamento para a garantir impunidades, seja entre as vítimas ou entre agressores e seus cúmplices. Em destaque, estão os escândalos protagonizados por alguns jogadores famosos. Em muitos casos, geralmente nem costumam ser denunciados, restando apenas uma média de notificações de 10% dos casos denunciados, que se somam a um total de 500mil casos de estupros por ano. “Ficar calado” é a solução para escapar dessa impunidade e não assumir a responsabilidade em crimes como este, que envolvem exclusivamente as temáticas de gênero.

## **AS MEDIAÇÕES CULTURAIS E A RECEPÇÃO DOS TELESPECTADORES DO JOGO ABERTO**

---

Em seus estudos sobre comunicação e cultura, Martín-Barbero aborda as mediações como elementos que estão entre a produção e a recepção de conteúdos midiáticos, influenciando a forma como as mensagens são interpretadas pelos receptores.

A Mediação de Espacialidade ou Sensorialidade traz uma relevância dentro do objeto desta pesquisa para investigar como a espacialidade virtual do YouTube e as características sensoriais do meio digital moldam a forma como os torcedores/telespectadores se engajam com o conteúdo midiático. Pode-se analisar questões que estão conectadas com essa mediação como:

- A influência da interface do YouTube na percepção dos conteúdos midiáticos, como o layout da plataforma, a disposição dos vídeos, os recursos visuais e sonoros, entre outros;
- Como os elementos sensoriais, como imagens, cores, músicas e efeitos sonoros, são utilizados na construção dos discursos midiáticos e como isso impacta a forma como são interpretados pelos receptores;
- A interação dos espectadores com os conteúdos midiáticos por meio de comentários, likes, compartilhamentos e outras formas de engajamento sensorial.

Já a Mediação de Temporalidade dentro do objeto desta pesquisa faz-se relevante para analisar como o fator temporal influencia a recepção dos discursos midiáticos digitais. Algumas abordagens possíveis incluem:

- O papel da temporalidade nas mudanças culturais e sociais, e como isso se reflete nas interpretações dos discursos midiáticos ao longo do tempo.
- A relação entre a atualidade dos temas abordados no programa Jogo Aberto e a atenção dos torcedores/telespectadores, considerando o contexto em que os episódios são assistidos.
- O uso de narrativas, *storytelling* e estratégias de construção temporal nos discursos midiáticos para cativar e envolver a audiência.

Desta maneira, ao combinar as mediações de Espacialidade ou Sensorialidade e Temporalidade, o estudo pode fornecer uma visão mais completa sobre como as características do meio digital e a dimensão temporal interagem para moldar a recepção dos discursos midiáticos pelos torcedores/telespectadores brasileiros. Essa abordagem aprofundada permitirá uma análise mais rica e contextualizada das experiências dos receptores em relação ao programa Jogo Aberto e suas temáticas relacionadas a gênero e

sexismo, permitindo uma maior leitura da influência dessas mediações nos processos de recepção.

Seguindo a lógica das mediações, Barbero apresenta o mapa das mediações, que de acordo com ele, explica que os eixos conhecidos como diacrônicos são representados pelas Matrizes culturais para os Formatos Culturais e os sincrônicos, das lógicas de produção para as competências de recepção ou consumo, como expressado abaixo:



Figura 1 - Mapa das Mediações (1ª versão)  
 Fonte: Martín Barbero, 2013 (Mapa 1987)



Figura 2 – Mapa das Mediações (3ª versão)  
 Fonte: Adaptado de Martín Barbero (2009a; 2009b; 2010a). Introducción 3.

Na primeira versão do mapa, Barbero (2013) ainda explica uma lógica de exploração dentro do mapa, em que a mediação acontece no processo comunicativo, a saber a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Para o autor, na página 294, “em vez de fazer a pesquisa a partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento,

---

propomos partir das mediações”. Dessa forma, existe um roteiro em que as mediações podem ser inseridas.

Entretanto, para uma maior conexão com o objeto deste trabalho, vamos focar a análise nas mediações do terceiro mapa de Barbero, com as mediações de Espacialidade ou Sensorialidade e Temporalidade. Este terceiro mapa concentra-se nos eixos vertical e horizontal, estabelecendo conexões com os mapas anteriores para investigar as mutações culturais contemporâneas.

De acordo com o autor, a temporalidade contemporânea traz consigo uma crise na experiência moderna do tempo. Isso se manifesta na profunda transformação da estrutura temporal, na ênfase no presente, no enfraquecimento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos, que nos mantém presos à simultaneidade do presente.

A espacialidade, por sua vez, é abordada em vários aspectos distintos: o espaço habitado do território, caracterizado pela proximidade e pertencimento; o espaço comunicacional tecido pelas redes eletrônicas; o espaço imaginado da nação e sua identidade; e o espaço da cidade moderna, que dá origem a novas subjetividades e formas de apropriação.

Dentro desse panorama, a estética de recepção emerge como um campo crucial para a compreensão de como as audiências engajam-se com os conteúdos midiáticos. A estética de recepção abarca as diversas formas pelas quais os indivíduos interpretam e respondem às mensagens midiáticas, levando em conta suas experiências pessoais, identidades culturais, contextos sociais e históricos. Desse modo, a estética de recepção desafia a ideia de que as mensagens midiáticas têm um único sentido fixo e evidencia a multiplicidade de leituras possíveis.

A cultura pode prosseguir assim, apesar de tudo, uma tradição hermenêutica em torno da obra de arte, fosse a sua significação fragmentária, alegórica, sublime ou assumidamente próxima do não-sentido. Nenhuma linguagem terá sido demasiado inovadora nem demasiado corrosiva para impedir o prosseguimento desta comunicação de si mesma de arte moderna como “incomunicável”. Pelo contrário, tal como todos os outros sistemas de comunicação, como mostra McLuhan, a arte não deixou, também ela, de comunicar a própria comunicação, de modo reprodutivo, mesmo se negativamente. (CRUZ, 2016, p. 4).

Por outro lado, a produção de sentidos envolve a complexa teia de processos através dos quais as mensagens midiáticas são criadas, articuladas e disseminadas, não sendo um processo unidirecional e sujeita às mediações e recepções da audiência, além



---

de estar sujeita a constantes negociações e reinterpretações, no caso deste projeto, dos telespectadores.

## **EPISÓDIO EM ANÁLISE: O “DIA DO AMIGO” NO PROGRAMA JOGO ABERTO**

Um dos episódios que marcam o objeto de estudo utilizando o programa “Jogo Aberto” exibido de segunda a sexta-feira pela Band na TV aberta – refere-se à edição 30 de julho de 2019, dia em que se comemorava o “Dia do Amigo”, expressa pela atitude de Denilson em dar um abraço em Renata, utilizando o contexto da data. O problema observado para a escolha deste episódio não é o “abraço” em si, mas a intenção e a subjetividade existentes por trás do gesto.

Além do episódio em si, o que desperta o interesse para a contextualização da temática são os comentários relacionados às reações de Renata, através da recepção destes telespectadores/torcedores. Renata aparentemente tenta deixar o ambiente em tom descontraído para não “problematizar” ou evitar discutir sobre o que está acontecendo, ampliando percepções por parte dos torcedores acerca do seu comportamento. A série de comentários que abordam sobre o suposto interesse ou uma suposta relação entre os dois apresentadores por parte dos telespectadores reflete sobre como o machismo tem um impacto na sociedade brasileira e sexualiza a imagem de uma mulher com boa aparência em um ambiente televisivo.

O discurso que envolve gênero na categoria mulher parte como um norteador para a discussão dentro dos processos de recepção. Para a realização das análises deste trabalho, além dos conteúdos relacionados às temáticas de gênero dentro do programa Jogo Aberto, principalmente pelos divulgados e transmitidos no *streaming* do Youtube, é importante analisar a recepção de mensagens por parte desses torcedores, especialmente para entender as mediações que entram em jogo no processo de recepção.

A maioria dos comentários compõem discursos sobre o relacionamento existente entre Renata e Denilson e o coloca como “pegador”, “dominador”, “macho alfa”, estabelecendo, mais uma vez, a ideia de objetificação da mulher e o poder atribuído a ele sobre a situação, como se Renata estivesse disponível como uma “presa” ou uma mulher vulnerável e totalmente disponível para ele.



Quando falamos de objetificação do corpo feminino estamos nos referindo à banalização da imagem da mulher, ou seja: a aparência das mulheres importa mais do que todos os outros aspectos que as definem enquanto indivíduos.



Figura 3- Vídeo publicizado no Youtube do episódio do programa  
Fonte: Canal oficial do Jogo Aberto no Youtube<sup>5</sup>

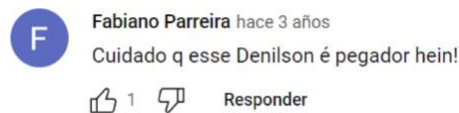


Figura 4 – Comentário de telespectador

Na ocasião, Renata ainda, afasta o colega de trabalho quando entende o tom da brincadeira, mas o “jogo de cintura” prevalece, para que até mesmo o clima laboral não fique pesado em um programa ao vivo. Mas até quando essa postura mais “passiva” precisa se repetir para que as pessoas não vejam esse tipo de assédio e sexualização com um olhar mais crítico? Ou ainda: o que existe por trás da recepção desses telespectadores imersos em uma cultura machista como o Brasil, para continuarem mediatizando esses comentários e o próprio discurso?

### **Análise do episódio:**

A análise do episódio do programa "Jogo Aberto" à luz das mediações de espacialidade e sensorialidade de Martín Barbero revela nuances intrigantes sobre a interação entre os apresentadores, o uso do espaço midiático e as expressões sensoriais.

<sup>5</sup> Episódio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zbQG8FRs7cU>

---

O quarto episódio, situado no contexto de 2019 e centrado no Dia do Amigo, oferece um exemplo claro de como a espacialidade e a sensorialidade são estratégias comunicativas poderosas na construção das relações interpessoais dentro do ambiente televisivo.

Denilson, através do gesto aparentemente simples de dar um abraço a Renata, utiliza habilmente a espacialidade como um instrumento comunicativo. Ao escolher o Dia do Amigo como o momento para esse gesto, Denilson insere a ação em um contexto simbólico que amplifica a conotação afetiva do abraço. A espacialidade temporal se torna uma ferramenta para transmitir uma mensagem específica, enquanto os telespectadores são convidados a compartilhar essa experiência emotiva através do espaço midiático.

No entanto, é a sensorialidade expressa pelo rosto de Denilson que acrescenta uma camada complexa à interação. Como observa Barbero, as expressões faciais e corporais são canais essenciais para a comunicação emocional. A expressão jocosa e bem-humorada de Denilson durante o abraço revela uma intenção subjacente que transcende o gesto físico. A sensorialidade presente em seu rosto conecta-se diretamente às emoções que ele deseja transmitir e compartilhar com o público, enriquecendo o significado da ação e interferindo na recepção da mensagem por parte dos telespectadores.

A partir dessa pesquisa de recepção com os telespectadores do Jogo Aberto, é possível entendermos a gravidade discursiva no cenário futebolístico e no jornalismo esportivo quando as mulheres estão inseridas neste meio, ainda vistas como objetos sexuais. Enquanto à recepção, por se tratar de um caminho de subjetividade, a comunicação inserida na mesma acaba se tornando para nós questão de mediações mais que de meios, dentro de seus aspectos culturais, e, portanto, não só de conhecimentos, mas de um reconhecimento.

Partindo, contudo, das mediações culturais de Barbero, destacamos a importância dos estudiosos em comunicação em compreender um público que está em constante mudança em relação ao consumo de mídia, já que as plataformas digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano dos receptores. O consumo e a produção de conteúdo podem ser problematizados a partir do estudo das mediações culturais da sociedade, uma vez que o processo de mediação e circulação dos conteúdos não se desvinculam do cotidiano e da construção de imaginários, como, por exemplo, da cultura do machismo, que podem ser pontos-chave para a realização de futuras pesquisas na área comunicacional. “Um sentido onde obra e autor se implicam, ou seja, uma representação em que o

---

dualismo/objeto se dilui [...] Este é o sujeito que uma estética da recepção põe em cena – o leitor implicado”.

## REFERÊNCIAS

BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

BARROS, LM. **Recepção, mediação e mediação: conexões entre teorias europeias e latinoamericanas**. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. *Mediação & mediação* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-105. ISBN 978-85-232-1205-6. Disponível em Scielo Books.

CRUZ, Maria Teresa (2016). **Arte E Mediação** Art And Mediafion. Nº 4, **2016**. Medium/PósMedium. *Oscilações Na Arte Contemporânea*, pp: 8–17.

GOELNNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e vulnerabilidades**. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **O futebol e o jogo do bicho na “Belle Époque” carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

MANDELLI, MARIANA. O futebol odeia as mulheres: notas sobre o machismo e a pesquisa de campo. Ludopédio. 19 de outubro de 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-futebol-odeia-as-mulheres-notas-sobre-o-machismo-e-a-pesquisa-de-campo/>. Acessado em 16 de agosto de 2023.

THARDIÉRE, M. “As Mães Fortes Fazem Filhos Fortes”, in *Revista Educação Physica*, n. 37, Rio de Janeiro, jan.-fev./1940, p. 60.